

EDITORIAL

Editorial de Encerramento!

O mandato da gestão 2017-2019 da **ABPP-SP** está chegando ao fim. Nossa trajetória enquanto gestão foi marcada por ações condizentes com aquilo que está posto em nossos documentos e, pode ser parafraseado com o que diz o **Código de Ética do Psicopedagogo**: zelamos e orientamos os profissionais da Psicopedagogia – do Estado de São Paulo - quanto aos princípios que regem a boa conduta profissional.

Retrospectivamente as ações deste triênio, foram materializadas em:

- eventos culturais com palestras e cursos;
- projeto social;
- presença virtual em eventos de Psicopedagogia realizado em instituições de longa distância;
- participação na Ação Social do Hospital Darci Vargas;
- reuniões de Conselho Estadual com encontros científico cultural, com o Conselho Fiscal e com o Conselho Vitalício da Seção Paulo;
- reunião de Coordenadores de Curso de Psicopedagogia;
- oficina de Jogos; lançamento de livro;
- banca de titularidade;
- participação de membros da diretoria em seminários, entrevistas e eventos da Psicopedagogia;
- parcerias com ONGs, com Instituto de Pesquisa, Loja de Brinquedos Educativos e Livrarias
- ampliação “de território”, com eventos no ABC e no interior.

Foi em Jundiá, interior de São Paulo, que a ABPP-SP realizou neste semestre, em parceria com Ipe - Orientação Psico Educacional Bela Vista e Vindas Educação Internacional, o Simpósio Internacional – "Psicopedagogia e Inclusão: caminhos para uma Educação de Qualidade, para todos e com todos".

Cumprindo com o **Calendário Eleitoral Nacional** realizamos a Assembleia Geral para eleição do Conselho Estadual da gestão 2020-2022.

Li uma vez que “se de médico e louco todo mundo tem um pouco, de psicanalista e palhaço todo mundo tem um pedaço”; e foi com um palhaço que comemoramos o Dia do Psicopedagogo deste ano, recebemos Claudio Thebas que nos presenteou com uma conversa belíssima e sensível acerca da escuta, provocando risos e lágrimas. Em tempo, Thebas é também educador e coordenador de grupos como o FORÇAS AMADAS, um trabalho de apoio emocional para pessoas em condições de vulnerabilidade; e o LEC, Laboratório de Escuta e Convivência.

A elaboração do documento **Termos de Adesão do Associado**, que está publicado no nosso site, merece destaque. Coordenado pela Comissão de Ética do Conselho Estadual (gestão 207-2019) e assessorado juridicamente, o documento faz referência aos direitos e deveres do associado naquilo que tange à sua anuidade.

Tradicionalmente o INFORMA é um periódico bianual sendo, portanto, esta edição a sexta desta gestão. Buscamos sempre o rigor e a atualidade científica para oferecer ao associado informação relevante para sua prática profissional.

Constam desta publicação artigos e textos que convidam o leitor a refletir, revisar e também a aprender sobre diferentes temáticas como: *Aquisição de fala nos cenários virtuais* de Ana Clélia de Oliveira Rocha; O Par educativo de Roberto Duarte Santana Nascimento;

O resgate do sujeito na prática psicopedagógica, de Carla Labaki e *Para sempre Alicia, na contramão do esquecimento*, de Arianne Zanelli.

Sugestão de livros e obras lançadas recentemente estão indicadas.

Trabalhamos, conquistamos e aprendemos neste triênio graças à dedicação e compromisso deste grupo de trabalho engajado e proativo que é a Diretoria Executiva 2017-2019.

Reforço minha gratidão a cada membro do Conselho Vitalício e do Conselho eleito que ao comparecer às reuniões do Conselho Estadual, participam dos debates, votam nas questões da pauta e fortalecem as ações da seção.

Reitero meu agradecimento ao associado da **ABPP-SP** que tem participado mais ativamente de nossos eventos.

Replico uma publicação de ano anterior por considerá-la atual e verdadeira: “A relação parceira e amistosa da **ABPP-SP** com a **ABPP** Nacional, na pessoa de sua presidente Luciana Almeida, tem garantido e fortalecido a identidade da Psicopedagogia no Estado de São Paulo.

A Associação Brasileira de Psicopedagogia – Seção São Paulo, em seus 16 anos de existência, tem buscado cumprir metas, superar expectativas e otimizar o funcionamento do grupo gestor e, assim tem aumentado sua visibilidade “deixando sua marca” com a certeza de que temos muito ainda a fazer e ajustar para atingir o seu ideal.

Torço e desejo para a próxima gestão inspiração, engajamento, garra e otimismo. Mas isso, o grupo eleito tem pra dar e vender. Sucesso e sorte!

Cristina Natel

Presidente ABPP SP (gestão 2017-2019)

AGENDA CULTURAL

Fevereiro – Reunião do Projeto Social

Março - Curso

Abril – 1ª reunião do Conselho Estadual-triênio 2020 a 2022.

Mai - Oficina

Junho – Banca de titularidade

PSICOPEDAGOGO ASSOCIE-SE !

www.saopauloabpp.com.br
saopaulo@saopauloabpp.com.br
contato: 11 9.6416.1030



Aquisição de fala nos cenários virtuais

Ana Clélia de Oliveira Rocha- fonoaudióloga, mestre em Educação e doutora em Linguística- Contato: rocard@uol.com.br
Verão, praia, céu e mar se confundem num azul de tirar o fôlego: na beira do mar, um carrinho com um bebê olhando fixamente para a tela do seu Ipad.

Ao ver esta cena dias seguidos nas minhas férias comecei a ficar incomodada e, barrada pelo censor interno, não fui falar com os pais para tirar aquela criança dali para que ela pudesse olhar o cenário que eles, tranquilamente, desfrutavam... Imagem que permanece na minha memória.

Outra cena: recebo uma mãe com seu pequeno filho que “*não fala*” para a primeira consulta. “Sentam-se no chão: a criança se apoia no corpo da mãe de costas, a mãe segura um Ipad com uma mão e na outra seu celular, ambos ligados num filminho...” *é doutora para ele não chorar, tá acostumado*”, esclarece a mãe.

Este pequeno menino – 2 anos e 6 meses - não consegue sentar-se sem apoio, pois está “acostumado” ao sofá da casa, vendo os Ipads, Iphones nesta posição.

Dois cenas que dialogam: o menino da praia cresceu!

Se pensarmos como uma criança apropria-se da fala, quantas operações delicadas, repetidas entram neste diálogo sem palavras entre o pequeno e o outro, com gestos, brincadeiras sonoras, olhares trocados, toques... momento no qual o corpo coloca-se em cena para que a palavra possa vir. Como a palavra/fala é, então, constituída nestes novos tempos das babás digitais, do outro virtual?

Trago uma terceira cena: um pai juntamente com sua filhinha de 1ano liga para a avó pelo Skype e ela começa a brincar sonoramente com a menina cantando as músicas que tantas vezes embalou seus filhos e os filhos dos seus filhos; a criança sorri para a câmera, hipnotizada/capturada pela imagem da avó. O pai adormece e as duas permanecem nesta cena. O pai, por inúmeras vezes, recorreu a esta avó que morava em outro país para cuidar /entreter a filha enquanto ele descansava.

A terceira criança falava com a avó: aqui podemos pensar que a tecnologia, enfim, tem seus valores, pois, permitia que alguma relação muito especial fosse se estabelecendo entre as duas, mesmo que separadas por um oceano... Cena que resgata a condição essencial para a fala: o desejo. “*É presumível, portanto, que as necessidades tenham ditado os primeiros gestos e que as paixões tenham arrancado às primeiras vozes*”... (Jean-Jacques Rousseau)

Óbvio que a cena inicial descrita, da criança na praia, traz uma imagem que me deixa assustada, pois coloca aquela criança numa outra cena, alienada de seus pais. Esta cena é vista e revista várias vezes: as crianças num avião não choram e não correm mais pelos corredores (cada uma fica grudada na sua telinha), famílias em silêncio em restaurantes, adultos e crianças numa mesa cada qual conectado ao seu aparelho... Seria muito fácil se a conclusão, a seguir, fosse “o mundo digital é responsável por estes acontecimentos dos novos tempos...” mas, certamente, um olhar simplista e preconceituoso sobre esta nova realidade pode nos colocar de fora do nosso tempo. Precisamos ir além em nossas reflexões.

A realidade é esta: pais, crianças, adolescentes e adultos, estamos todos diante de uma nova forma de comunicação. No caso das crianças pequenas em aquisição de fala “*a ilusão da transmissão pela tela do cristal líquido oferecida pelos pais aos seus rebentos como o mais acabado símbolo que os prepararia para o futuro. No entanto, recebemos no consultório bebês que padecem de intoxicações eletrônicas capturados nos gadgets e que suspendem suas demandas ou viram as costas para os que eles se dirigem, por conta dessa chupeta eletrônica junto à qual comem, tomam banho, deslocam-se pelo bairro, capturadas em uma tela virtual.*” (Jerusalinsky, J, pag. 36, 2017).

Dunker (2017) nos adverte que “*como qualquer tecnologia, ela, a digital, apenas favorece ou intensifica disposições já existentes...*”

O uso dos eletrônicos, dilemas do nosso tempo, já impõem interrogações à nossa prática clínica e é inevitável refletir sobre seus efeitos nas crianças. A palavra sofre os efeitos da supremacia do signo: há uma repetição da imagem sonora pela criança, destituindo de significado (e logicamente significante) qualquer emissão inicial quando a telinha torna-se sua referência como interlocutora, a quem ela apenas ouve e repete o som emitido.

Há que se considerar primeiramente que *tablets* reagem a gestos não a palavras. Logo, esta troca primeira e fundante não pode ocorrer considerando ou tomando o *tablet* como outro e, como já apontamos, *tablets* respondem a comando, não há desejo.

Segundo: os aparelhos emitem sequências sonoras, mas não conversam. Desta forma, eles não interpretam as entonações das crianças, não há variação da prosódia, algo tão fundamental no início de fala, não há querer e desejo submetido ao outro, não há espera nem imprevisibilidade, algo tão necessário para a aquisição da fala.

Ah... “*mas as crianças já começam a falar empregando outras línguas*” e aqui há um ponto muito delicado, pois as crianças falam em repetições, sem se colocarem ou tomarem o outro como sujeito, não estabelecendo um marco fundamental na aquisição de linguagem que é a diferença do eu e você. As crianças falam em terceira pessoa e isto também não causa um estranhamento em muitos pais. Se há outro há para quem pedir, contar... há alguém para quem a fala se destina e este é o ponto a partir do qual seguimos na linha do desenvolvimento. As crianças que repetem palavras de outras línguas preservando, quase sempre, apenas a prosódia do que escutam, num semblante da fala dos personagens e dos jogos virtuais podem, num momento muito inicial, encher os pais mais desavisados de orgulho, mas sabemos que isto não é fala.

Trago novamente o apontamento de Dunker de que os eletrônicos apenas favorecem ou intensificam questões já postas, ou seja, eliminá-los unicamente não mudaria o quadro de muitas crianças, correríamos um risco menor certamente.

A última cena que descrevo no início é linda, pois apresenta este milagre da nossa era digital que permite a uma avó embalar, cuidar e se fazer presente para a sua neta distante. Encerro com o que escreve Ítalo Calvino na conferencia LEVEZA, uma das seis propostas para o próximo milênio:

“*Cada vez que o reino humano me parece condenado ao peso, digo para mim mesmo que à maneira de Perseu eu devia voar para outro espaço. Não se trata absolutamente de fuga para o sonho ou o irracional. Quero dizer que preciso mudar o ponto de observação, que preciso considerar o mundo sob outra ótica, outra lógica, outros meios de conhecimento e controle. As imagens de leveza que busco não devem, em contato com a realidade presente e futura, dissolver-se como sonhos...*”

“Para sempre Alicia”, na contramão do esquecimento.

Ariane Zanelli, Pedagoga, Psicopedagoga, especialização em Psicanálise em Oncologia Pediátrica pela UNIFESP, Supervisora Clínica e Conselheira Estadual da ABPP/SP. Contato: arianezanelli@globom.com

Alicia Fernández, na dedicatória de seu livro **A Mulher Escondida na Professora**, Artes Médicas 1994, diz “Escrevo impulsionada e expulsada pela pulsão de conhecer e saber, pelo amor ao conhecimento. Escrevo também porque as palavras pensadas, assim como os sonhos sonhados, enquadram-se no pré-consciente. E assim como os sonhos que não contamos ao despertar, as ideias pensadas que não escrevemos podem ser esquecidas”. Hoje, eu escrevo Alicia para que seja lembrada entre nós psicopedagogos.

Alicia, 1944–2015, psicopedagoga argentina teve relevante atuação na Psicopedagogia, ao lado da também mestra argentina Sara Paín. Ambas delimitam um modo de fazer psicopedagógico Dinâmico, que difere de uma abordagem reeducativa fundamentada em ações mais técnicas. Na abordagem dinâmica, aspectos subjetivos e do laço são considerados juntamente com os aspectos cognitivos, pois saber

sobre o processo de aprender e conhecer do outro com o qual trabalhamos, impõe desafios que vão além de qualquer tentativa de explicação que submeta a complexidade de ser do sujeito aos limites de uma leitura diagnóstica e tratamento fundados em padrões pré-estabelecidos. Posto isso, na ordem do trabalho psicopedagógico, é fundamental que nos perguntemos desde o lugar daquele que sofre por não aprender levantando hipóteses sobre a função do fracasso que tanto afeta o desenvolvimento e da ignorância - no sentido dado por Sara Paín, que longe de se opor ao conhecimento, encontra-se na sua origem, em sua gênese - Sara Paín, **A Função da Ignorância**, Artmed 1999. Ter em conta este questionamento, a história de vida deste sujeito, não apenas como um conjunto de fatos isolados em uma anamnese, mas compreendidos e articulados como marcas que atravessam e constituem este sujeito que resiste à convocação da aprendizagem, é parte fundamental para tecermos os fios condutores do nosso trabalho.

Faço então um convite para lembrarmos de um dos pilares deste corpo teórico que fundamenta nossos saberes e onde muitos de nós busca abrigo. Aprendemos com Sara Paín, que o funcionamento mental se organiza a partir de dois aparelhos, um deles constituído pelas operações inteligentes (pensamento lógico, realidade, categorias objetivas, conhecimento, ou seja, estamos falando da constituição da objetividade) e outro constituído pelas operações simbólicas (pensamento subjetivo, drama, desejo, sexualidade ou também estamos dizendo, constituição da subjetividade). Vimos também que quando a separação necessária destas duas dimensões fracassa, quando elas não operam de modo independente e autônomo, ou dito de outro modo, quando elas não funcionam em paralelo organizando simultaneamente o pensamento e uma aprisiona o território da outra, um problema de aprendizagem se organiza e então, um sintoma se apresenta.

Ao recebemos um sujeito que sofre por causa de um sintoma que se organizou em torno de suas aprendizagens e se, iremos oferecer a este sujeito um encontro relacional diferente para que ele estabeleça suas próprias vias de conhecer dando novos significados para o seu estar no mundo, não iremos consegui-lo pelas vias de um trabalho que se organiza em torno de ações reeducativas. A estrutura fundamental que permite a aprendizagem é a cognitiva, mas deitar os olhos apenas nesta estrutura como única via de trabalho, seria ignorar outra que rege as relações intersubjetivas, ou seja, a estrutura simbólica. O funcionamento cerebral justificando todo fracasso ou sucesso de um sujeito nos joga no risco de uma leitura reducionista, portanto, não será por meio de treinamento de funções que venceremos um sintoma que se aprisionou na cognição. O treinamento poderá no máximo fazer desaparecer algo que se reescreverá e reaparecerá numa aprendizagem seguinte, pois isto que perturba e insiste não se encaixa ou se adapta a um modo correto de funcionar. Tampouco soluções de ordem apenas farmacológicas, necessárias em determinados casos, darão conta de um corpo, de um organismo que necessita forjar seu desejo de aprender dando enfim, sentido à sua existência. Na direção de ampliar o lugar de quem sofre não o deixando no desamparo de ser o único responsável por seu fracasso, impera que o contexto e a dinâmica das relações sejam também examinados e convocados.

Por último, no prolongamento de nossa existência na comunidade de humanos, precisamos ser extremamente cuidadosos com o excesso de laudos que determinam o modo com que algumas crianças existem, pois se hoje transitamos entre algoritmos que registram nossos movimentos e portando sabem cada vez mais de nossos desejos, pergunto: como algumas informações serão usadas na determinação dos eleitos e dos excluídos? Vamos ser cautelosos em

nossas avaliações diagnósticas e em nosso fazer psicopedagógico, pois lembrando Alicia em seu livro **O Saber em Jogo** - Artmed 2001, psicopedagogos que não promovem sua própria autoria de pensamento caem facilmente nas armadilhas e no aprisionamento das supostas eficiências de receitas e métodos de curar.

O resgate do sujeito na prática psicopedagógica

Carla Labaki, pedagoga/USP, psicopedagoga/Instituto Sedes Sapientiae e Conselheira Estadual da ABPP/SP. Contato: carla.labaki@gmail.com

Nos últimos anos temos visto uma atenção crescente em relação às pesquisas e aos novos conhecimentos da neurociência. Conhecimentos esses muito importantes, sem dúvida, mas que têm ocupado um demorado espaço na área da Psicopedagogia. Há uma profusão de cursos, simpósios, congressos cuja temática gira, na sua maioria, em torno da neurociência, das funções executivas e do funcionamento cerebral.

Certamente esses avanços nas pesquisas são importantes para entendermos cada vez melhor o sujeito de nosso trabalho, de nossa atuação. Porém, isso é **um** e não o **único**, nem o **principal** aspecto que necessitamos considerar ao analisarmos o sujeito.

Urge que a psicopedagogia retome suas raízes! Autoras referências na área, como Sara Paín e Alicia Fernández, entre tantos outros, parecem não estar recebendo o devido destaque. Elas que falam tanto do sujeito do aprender e que produziram tanto conhecimento sobre a aprendizagem e sobre seus possíveis problemas!

Precisamos considerar o organismo sim, como aponta Sara Paín quando fala dos quatro pilares do aprender. Mas isso não pode sobrepujar os demais pilares!

A neurociência certamente trouxe e traz saberes importantes sobre o cérebro do ser humano, sobre o cérebro de quem aprende, mas esses saberes não podem se antepor e/ou se sobrepor ao sujeito. Essa área nos instrumentaliza para conhecermos melhor o aprendente, mas existe um saber, tão necessário quanto, que é o de conhecer o **Sujeito** que aprende em toda a sua pluralidade. É fundamental, necessário e urgente olhar, ouvir e conhecer a singularidade de cada um. É na relação com o aprendente que o ensinante consegue convidá-lo para a autoria de seu pensamento, de sua aprendizagem, de seu saber.

“O cérebro eletrônico faz tudo/Quase tudo/ Quase tudo/ Mas ele é mudo/ O cérebro eletrônico comanda/ manda e desmanda/ Ele é quem manda/Mas ele não anda...” (Gilberto Gil)

Os excessos de testagem aos quais as crianças e os adolescentes estão sendo submetidos falam sobre o cérebro, mas nos revelam tão pouco ou quase nada sobre o sujeito. Onde estão o singular, a emoção e os afetos? A Psicopedagogia possui instrumentos próprios e preciosos para o entendimento do sujeito da aprendizagem, que nos permitem uma compreensão qualitativa do processo de aprendizagem do sujeito singular. A manifestação corporal e emocional, que tanto nos contam sobre aquele sujeito, devem ser consideradas como objeto de observação e compreensão.

Conforme mencionado acima, Sara Paín e Alicia Fernández apontam para quatro pilares implicados no processo de aprendizagem, quais sejam: organismo, corpo, inteligência e desejo.

O organismo - e aqui encontra-se nosso cérebro, objeto de estudo da neurociência - seria, segundo Sara Paín, o aparelho de recepção programado. Há um funcionamento codificado. O organismo, quando bem estruturado, é uma boa base para a aprendizagem.

Já o corpo é o organismo transversalizado pelo desejo e pela inteligência. Pelo corpo nos apropriamos do organismo. Podemos pensar que o corpo é singular, é único, é a marca de cada um! Segundo Fernández (1990 apud Paín 1984), *“Há um corpo real diferente do organismo e, em grande parte, independente dele. Assim, o organismo é um sistema de autorregulação inscrito, enquanto o corpo é um mediador e sintetizador dos comportamentos eficazes para a apropriação do entorno por parte do sujeito”*.

Fernández (1990), *“O organismo constitui a infraestrutura neurofisiológica de todas as coordenações possíveis e possibilita a memória dos automatismos. O organismo, transversalizado pela inteligência e pelo desejo, irá se mostrando em um corpo e é deste modo que intervém na aprendizagem, já corporizado”*. Assim, toda aprendizagem passa, necessariamente, pelo corpo.

Enquanto estamos tão preocupados em avaliar como o cérebro da criança funciona, estamos dando o direito e a chance de ela ser escutada? Estamos abrindo nossos ouvidos para a escuta terapêutica, para compreendermos e considerarmos o que ela pensa sobre ela e sobre seu processo de aprendizagem? Estamos dando voz para a criança expressar o que pensa a respeito do que está se passando com ela? Estamos dando direito de ela expressar, de outra forma, sua inteligência, seus desejos, sua capacidade de ser agente de seu processo? Estamos considerando o aprendiz como um sujeito pensante, desejante e ativo? Estamos garantindo ao sujeito a possibilidade de expressar seu funcionamento mental subjetivo? Estamos dando o devido espaço para a subjetividade?

“ Só eu posso pensar/ Se Deus existe/ só eu/ Só eu posso chorar quando estou triste/ Só eu/ Eu cá com meus botões, de carne e osso/ Eu falo e ouço/ Eu penso e posso/ Eu posso decidir se vivo ou morro por que/ Porque sou vivo/ Vivo pra cachorro e sei/ Que o cérebro eletrônico nenhum me dá socorro/ Em meu caminho inevitável para a morte/ Porque sou vivo, ah/ sou muito vivo...” (Gilberto Gil)

Corremos o risco de erroneamente focarmos nosso olhar para o cérebro eletrônico da música de Gilberto Gil e esquecermos a pessoa, do corpo transversalizado pelo desejo e pela inteligência. O cérebro, como o próprio compositor expressa, não pensa, não chora. Quem sente, quem chora, quem vive é a pessoa.

“...Que cérebro eletrônico nenhum me dá socorro/ Com seus botões de ferro e seus olhos de vidro/ O cérebro eletrônico faz tudo/ Faz quase tudo/ Faz quase tudo/ Mas ele é mudo ...” (Gilberto Gil)

Edgar Morin, filósofo francês e um dos principais pensadores de nosso tempo, frequentemente fala sobre a prosa e a poesia na vida do ser humano. A prosa seria a sobrevivência, o cotidiano de nossas ações obrigatórias. A poesia, por sua vez, estaria ligada aos afetos, às relações, ao jogo. Para ele, a prosa está cada vez ganhando mais espaço com a industrialização, não só do trabalho, mas da vida, que encerra as pessoas em um fazer técnico e especializado. Na visão dele, a poesia resiste na vida privada, nas relações amorosas, nas amizades, nos afetos, no prazer do jogo - entendido aqui como espaço de troca. Devemos resistir a esse progresso enorme da prosa, que significa degradação da qualidade de vida.

Portanto, inspirados nas considerações de Morin, é fundamental darmos mais espaço para o sujeito, para a poesia e não ficarmos trabalhando/atuando apenas no espaço da prosa, submetidos a saberes de áreas afins que podem ajudar, mas também correm o risco de enjaular e imobilizar a prática psicopedagógica.

FERNÁNDEZ, Alicia. A inteligência aprisionada: abordagem clínica da criança e da família. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

PAÍN, S. Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem. 3a. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ESPAÇO ABERTO

Neste espaço divulgamos artigos, estudos e relatos de experiência da Psicopedagogia prestigiando diferentes autores.

Roberto Duarte S. Nascimento – psicólogo, cursando especialização em Psicopedagogia pela UNICID -Universidade Cidade de São Paulo

O presente texto se debruça sobre atividade realizada no curso de especialização em Psicopedagogia da Universidade Cidade de São Paulo (UNICID), sob a supervisão da Profa. Maria Cristina Natel. Tal atividade tem como premissa a ideia de que os dados obtidos por diferentes instrumentos de avaliação podem ajudar a explicar, ou “dar pistas” a respeito das dificuldades no processo de ensino/aprendizagem. Tendo em vista a delimitação de tempo e espaço própria a um trabalho acadêmico desta natureza, focalizaremos em um instrumento específico por nós utilizado durante

uma avaliação prática realizada por ocasião de estágio na disciplina *Diagnóstico e intervenção em Psicopedagogia*.

Assim, dentre os instrumentos utilizados na avaliação psicopedagógica que realizamos, esteve o teste **Par educativo**. Tal teste fora inicialmente elaborado pelas pesquisadoras argentinas Malvina Oris e Maria Luisa de Ocampo. Esta última também se notabilizou como um dos mais importantes nomes da área de psicodiagnóstico em Psicologia. Mais tarde, o teste sofreu algumas reestruturações e tem se tornado instrumento muito utilizado no campo psicopedagógico para auxiliar na percepção do vínculo entre quem ensina e quem aprende, podendo ser utilizado em diferentes contextos.

O disparador central desse teste é a instrução: “desenhe uma pessoa que ensina e outra que aprende”. Em seguida, o sujeito deve descrever o desenho e dar a ele um título. Nesse processo, tanto as reações comportamentais como a disposição e implicação volitiva devem ser observados pelos aplicadores. Para além da volição, está em questão também a expressão da relação afetiva, dos sentimentos, pensamentos, fantasias, que o sujeito tem tanto com aquele que ensina, como com a possibilidade do aprender em si. Tais dados e observações poderão compor uma fonte significativa de questões e hipóteses para uma compreensão mais holística do caso em questão. Jorge Visca (2010) destaca alguns dos indicadores mais importantes que devem ser levados em conta na análise: “tamanho do desenho, dos personagens e dos objetos de aprendizagem, posição e distância dos personagens em relação aos objetos de aprendizagem”.

Na Psicologia, uma ampla gama de pesquisadores apontam a importância do caráter afetivo de qualquer processo de aprendizagem. A este respeito, Gabriel Silva *et al*, explicitam as contribuições de Henri Wallon e de Enrique Pichon-Rivière. O primeiro destaca a importância de uma boa relação emocional do sujeito com os que o rodeiam como condição importante de seu desenvolvimento cognitivo, contrapondo-se às visões predominantemente biologizantes que parcializam o aprender. O segundo, por sua vez, desenvolveu uma consistente teoria dos vínculos e dos grupos, que pressupõe como central a qualidade do vínculo entre seus componentes (Cf. SILVA *et al*, 2016).

No campo das aplicações práticas, pesquisas recentes têm demonstrado alto índice de correlação entre o desempenho escolar e o conjunto de indicadores de conflitos no referido teste. Assim, Sakai e outros colaboradores, por meio de pesquisa realizada com 334 crianças mostram que grupos de estudantes com desempenho escolar abaixo da média foram também os que mostraram mais indicadores de conflitos nos desenhos do Par Educativo, o que evidencia, para os autores, a importância de se utilizar tal teste como instrumento auxiliar no diagnóstico e estratégias de intervenção psicopedagógicas (Cf. SAKAI *et al*, 2012).

No tocante à avaliação por nós realizada, o teste do Par Educativo foi aplicado em Machado de Assis, um jovem de 15 anos que está no 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública estadual. Machado ainda não sabe ler nem escrever e tem dificuldades igualmente amplas quanto a habilidades que envolvem raciocínio lógico-matemático. O Par Educativo foi um dos testes utilizados, a fim de se averiguar a relação de Machado com a escola, com os professores e com o aprender em geral.

O nome foi alterado a fim de se preservar a identidade real do atendido.

Seu desenho chamou-nos atenção pelas dimensões minúsculas dos elementos desenhados, assim como pela exiguidade deles. Havia, na cena desenhada, o professor, frente a um quadrado que indicava uma lousa e, à sua frente, uma pessoa sentada numa carteira. Tudo com traços muito simples. Pedimos para Machado dar um título, mas ele disse que não lhe vinha nada à mente. Perguntamos se ele era algum dos personagens, ele respondeu que não e que eram apenas imagens de um professor e aluno quaisquer. Perguntei se, caso ele se colocasse no desenho, onde e como estaria. Ele então desenhou um terceiro elemento naquele espaço, mas nos chamou a atenção o fato de esse terceiro personagem estar muito distante dos dois primeiros, bem na borda do papel. Ao perguntarmos o porquê disso, ele respondeu que era o “fundão” da sala, onde ele ficava com o pessoal mais “zueiro”. O material que ele utilizou foi um lápis, não havia colorido no desenho e nem algo que situasse melhor o contexto daquele encontro de ensino-aprendizado. O tempo de confecção do desenho também não foi substancial, menos de dois minutos foi necessário para fazê-lo.

Um teste projetivo como este nunca é capaz de, por si só, esgotar a realidade de um acontecimento, seja em que âmbito for. Ele é muito mais um indicativo do que se passa. Por isso, é sempre necessário cruzar os dados trazidos pelo teste com outros dados, oriundos de experiências e observações diversas junto ao sujeito e também com sua história bio-psico-social.

Posto isso, notamos que a exiguidade do desenho de Machado, a relação inicialmente ausente e, depois, distante para com o centro de onde acontecia a reunião de ensino-aprendizagem, a falta de interesse nos detalhes, no colorido, as dimensões tão diminutas em contraposição à ampla superfície disponível parecem, de fato, indicar um movimento de, se não distanciamento, ao menos um alheamento à possibilidade de se iniciar um processo de aprendizagem, da possibilidade de se ver engajado nele, alimentando-o e sendo alimentado por ele, junto a outros partícipes. O desenho não indicava relação de atrito ou alguma animosidade entre as personagens representadas, mas também não havia, por outro lado, vínculos identificáveis de interação construtiva e tampouco lúdica, num sentido winnicottiano do termo, em que o lúdico exprime um brincar, enquanto autêntica construção do real, isto é, como forma de apropriação via tessitura de pontes entre o mundo interno, com seus impulsos, bloqueios e fantasias, com o mundo externo como realidade social independente do eu, com suas normas e interdições.

Era um desenho frágil, apagado. Isso se coaduna com a história do jovem, obtida durante a anamnese. História marcada por abandonos diversos e provações afetivas e materiais. História na qual Machado não foi nem estimulado, nem cobrado nem situado como um ser em formação que requer investimentos afetivos por parte de seus cuidadores, até porque estes sempre assumiram tal papel como algo improvisado (ele foi cuidado pela avó, depois pela tia, depois pelos irmãos, sempre de modo secundário, por não haver alguém outro que pudesse responder por ele).

A guisa de conclusão cumpre lembrar ainda que a projeção obtida nesse tipo de teste não é tão somente da ordem da representação, mas também da produção. Isto quer dizer que, ao expressar determinada realidade cognitiva e afetiva por meio do desenho, o

sujeito não está revelando uma realidade cristalizada e idêntica a si mesma, mas conforme nos lembra Winnicott por via de sua noção de brincar, está já dentro de um processo de elaboração, em relação ao qual o avaliador e demais pessoas implicadas em seus processos de aprendizagem devem buscar as conexões com os outros mundos que o sujeito traz e com aqueles que podem vir a se abrir. Assim, por que o aprender nesse desenho tem dimensões tão modestas? Por que Machado, quando instigado a aparecer, se coloca tão ao fundo nesse cenário? O que há nesse “fundão” de interessante e que atrai sua atenção? O que é preciso saber para ali estar e ser aceito? Como o fundo pode vir a quebrar certas barreiras de comunicação e se articular com as primeiras fileiras e com o conteúdo da lousa numa interação transformadora, mas ao mesmo tempo respeitadora das diferenças?

FRANCO, S. G. O brincar e a experiência analítica. In: *Ágora*, vol. VI, n. 1, jan/jun. 2003, pp. 45-59.

SAKAI, J.M.C. et all. desempenho escolar e relação Professor-aluno por meio do teste do Par educativo. *Boletim de psicologia*. Vol.62, no.137. São Paulo, dez.2012

SILVA, G. P. et all. Par Educativo – A Manifestação do Vínculo com a Aprendizagem. *Vínculo – Revista do NESME*, 2016, v. 13, n 1, pp. 46-55.

ACONTECEU

Neste espaço divulgamos e registramos, por ordem de realização, os eventos promovidos pela ABPp Seção São Paulo, no segundo semestre de 2019.

No dia 29 de julho, a Profa. Dra. Neide de Aquino Noffs, coordenou a reunião com coordenadores de cursos de Psicopedagogia na sede da ABPp-SP.

O tema abordado foi a proposta de unificação da carga horária dos cursos de Psicopedagogia e da constante busca para regulamentação da classe nas esferas federais.

Nossa classe deve manter a unidade na qualidade, conduta e formação para reconhecimento da importância do Psicopedagogo como colaborador na superação das dificuldades de quem busca nossa parceria.

Em 24 de agosto, aconteceu o “I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE PSICOPEDAGOGIA E INCLUSÃO”, realizado em Jundiá.

Contamos com a presença da diretoria da ABPp-SP, da fundadora desta seção, Mônica Mendes e da presidente da ABPp Nacional, Luciana Barros de Almeida, que nos proporcionou uma reflexão com a palestra sobre este tema.

A vice-presidente da ABPp-SP, Rebeca Lescher e os convidados Adalto Parré e Arthur Torres participaram de uma mesa redonda, onde o assunto pôde ser aprofundado.

Os conferencistas internacionais convidados David Rodrigues e Luíza Mara Lima Rodrigues, enriqueceram nossos conhecimentos, dividindo a experiência com os presentes. Vivenciamos momentos de emoção com depoimentos, relatos de experiências e aprendizado.

No dia 26 de agosto, aconteceu a Reunião Ordinária da Diretoria Executiva: “A formação e atuação profissional: articulando diferenças”.

Tivemos a participação do corpo diretivo e da Profa. Dra. Neide Noffs, Profa. Dra. Sônia Colli e da fundadora da ABPp-SP Profa. Mônica Mendes.

Esta reunião foi aberta às associadas, diretoria e conselheiras e tratou dos assuntos: atuação do profissional envolvendo: Código de ética e Estatuto Social; Ensino / Formação - Diretrizes de formação do Psicopedagogo no Brasil e Legislação.

Mais uma vez, a ABPp-SP, enquanto órgão representante, proporcionou aos associados a oportunidade de esclarecimentos sobre condutas formativas na prática psicopedagógica.

Aconteceu o “I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE PSICOPEDAGOGIA E INCLUSÃO” em Varginha no dia 21 de setembro.

Representaram a ABPp SP: a nossa fundadora Profa. Mônica Mendes, conselheira Marcia Affonso e nossa vice-presidente Rebeca Lescher que apresentou a palestra “Apreendendo com jogos na escola e na vida”.

Mais uma oportunidade de formação e conhecimento vivenciado e proporcionado para as associadas.

O Conselho Estadual, aconteceu em 27 de setembro, com a presença do corpo diretivo e das conselheiras.

Nesta ocasião, agradecemos a sempre presente Mônica Mendes, que trouxe sua contribuição como formadora, possibilitando a reflexão do Psicopedagogo na Instituição escolar, trazendo os três elementos: diferentes formas de ensinar, redes de estratégias e estímulos de interesses.

As conselheiras também colaboraram, expressando seu parecer a respeito dos pontos fortes e fracos observados durante a gestão 2017 /2019.

Encerramos este encontro, com um dinâmica de confraternização, proporcionando momentos de vivência afetiva, aproximando ainda mais este grupo.

Em 21 de outubro, aconteceu a Apuração da Eleição dos membros do Conselho Estadual, para gestão 2020 /2022.

Em 23 de outubro, aconteceu a Reunião do Conselho Fiscal.

Em 26 de outubro, aconteceu, “IV Simpósio Nacional de Psicopedagogia e Profissionalização: contextos e transformações”. O evento estava maravilhoso e foram abordados temas de grande relevância a atuação do psicopedagogo tanto institucional como clínico. Parabéns à ABPp Nacional e a todos os envolvidos!

Em 22 de novembro, aconteceu a última reunião do projeto Social e desta gestão de 2017/2019. Esse projeto sempre nos acrescenta muito pela riqueza dos relatos das voluntárias e das supervisoras que contribuem de forma muito positiva no crescimento de nossas associadas.

PROJETO SOCIAL

O Projeto “ABPp-SP vai à Comunidade”, confirma a ação social da Seção no atendimento da população menos favorecida que dificilmente teria oportunidade ao atendimento psicopedagógico. Para tanto, os voluntários associados, recém-formados ou com o desejo de obter mais experiência, têm a oportunidade de aprimorar seus conhecimentos e de atuar com o apoio da supervisão com profissionais reconhecidos como titulares pela ABPp-SP.

Você tem interesse neste projeto? Venha participar!

Procure mais informações em:

<http://saopauloabpp.com.br/novosite/projeto-social/historico>

BIBLIOTECA



A Criança e a Palavra – A linguagem e suas articulações – Ana Célia O. Rocha e Marta G. G. Baptista – Orgs – Editora CRV -2018. Recomendamos em especial o capítulo 12 – “As escrita e o tempo de aprendizagem”.



Avaliação Neuropsicológica Cognitiva - Memória de Trabalho – Natália M. Dias e Tatiana P. Mecca (Orgs.) Editora Memnon – 2019.



Se eu abrir esta porta agora... – Alexandre Rampazo – Editora SESI-SP – 2018

O Passeio – Pablo Lugones e Alexandre Rampazo – Editora Gato Leitor



Psicopedagogia nos (Con) Textos Hospitalares e de Saúde de Márcia Alves S. Dantas e Marisa Irene S. Castanho (Orgs.) Wak Editora

O Palhaco e o Psicanalista – Como escutar os outros pode transformar vidas -de Claudio Thebas e Christian Dunker – Editora Planeta – 2019.



EXPEDIENTE - DIRETORIA 2017 / 2019

Presidente: Maria Cristina Natel

Vice-Presidente: Rebeca Lescher Nogueira de Oliveira

Diretora Secretária: Andréa de Castro Jorge Racy

Diretora Secretária Adjunta: Márcia Maria Machado Monteiro

Diretora Financeira: Helena Maria Barbosa da Silva

Diretora Financeira Adjunta: Ymei Uvo de Sá Trench

Diretora Cultural: Ruth Nassiff

Diretora Cultural Adjunta: Cecília Gereto de Mello Faro

Diretora de Relações Públicas: Wylma E. Teixeira Ferraz

Diretora Adjunta de Relações Públicas: Maria Lúcia Moura Caruso

PROJETO SOCIAL:

Coordenadora do Projeto Social: Sílvia Amaral de Mello Pinto

Coordenadora Adjunta do Projeto Social: Sandra Lia N. Santilli

CONSELHO ESTADUAL:

Ariane Zanelli de Souza

Carla Labaki Agostinho Luvizotto

Claudia Maria Laureano Moreno

Cristiane Cássia Moura

Márcia Alves Affonso

Regina Irani Spirandeli Federico

Rosana Maria Pereira Borges

Sandra Casseri Rindeika

Sílvia Amaral de Mello Pinto

CONSELHO FISCAL:

Anete Hecht

Ernani Pereira Junior

CONSELHO VITALÍCIO:

Maria Cristina Natel

Mônica Hoehne Mendes

Sandra Lia N. Santilli

Sônia Colli

Este periódico é uma publicação exclusiva da

ABPp SEÇÃO SÃO PAULO

EDITORA DE REDAÇÃO: Rebeca Lescher Nogueira de Oliveira

CONSELHO EDITORIAL: Andréa de Castro Jorge Racy e Ruth Nassiff

TIRAGEM: 500 exemplares

CRIAÇÃO E IMPRESSÃO: KOSMOGRAF